

BOLETIM
O TRABALHO

A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores

Editorial

NÃO À GUERRA!

NEM PUTIN, NEM NATO!

NÃO À UNIÃO NACIONAL COM OS GOVERNOS FAUTORES DE GUERRA E MISÉRIA!

A guerra rebentou na Europa. O regime mafioso do Kremlin invadiu a Ucrânia.

Ameaçado e entalado pela decisão do regime de Kiev, seu semelhante não menos mafioso, de procurar a adesão à NATO e à UE, Putin, o bonaparte que faz de árbitro entre os clãs oriundos do antigo KGB que há trinta anos pilham sem freio a antiga propriedade estatal soviética, teve de agir para não perder a autoridade e, portanto, o poder.

Caiu, assim, na ratoeira que a NATO há anos lhe arma, cercando

direcções tradicionais das organizações dos trabalhadores e da “esquerda”.

Assim, os deputados do BE ao “Parlamento

Europeu” votaram, tal como a grande maioria da “esquerda” europeia, uma resolução que apela à guerra total contra a Rússia e à destruição completa do país e da sua economia.

O apelo à guerra imperialista e à “união nacional” para multiplicar os orçamentos de guerra serve de pretexto para todos os governos lançarem uma autêntica “guerra social” interna contra as conquistas



Manifestações na Rússia: Não à Guerra!

TROPAS RUSSAS FORA DA UCRÂNIA!

NATO FORA DA EUROPA!

REPATRIAMENTO IMEDIATO DOS SOLDADOS PORTUGUESES!

DISSOLUÇÃO DA NATO!

ameaçadoramente as fronteiras ocidentais da Rússia.

A guerra que devasta partes da Ucrânia é uma guerra inscrita na decadência do imperialismo. Uma guerra em que os trabalhadores e o povo russo nenhum interesse têm em comum com a mafia putinista – vejam-se as corajosas manifestações antiguerra em todo o país e as dezenas de milhar de presos. E em que os trabalhadores ucranianos não têm nenhum interesse comum com a mafia que saqueia o seu país.

A guerra desfechou, porém, uma vaga de chauvinismo belicista pró-NATO (e “pró-Ucrânia”) em toda a Europa Ocidental, promovida e explorada pelos governos e acompanhada pela grande maioria das

e as condições de vida dos trabalhadores europeus.

Assim, também, em Portugal.

António Costa, que ganhou as eleições porque os trabalhadores votaram para evitar o regresso da troika, prometeu, no Parlamento, que a inflação – que o seu programa nem menciona – irá comer os salários dos trabalhadores para inchar os lucros do patronato.

Isto depois de ter abandonado qualquer referência à revisão das leis laborais da troika, para gáudio das agências de notação do capital financeiro.

Para os trabalhadores, as coisas são claras: nenhuma confiança é possível neste governo!

AUMENTO GERAL DOS SALÁRIOS

CONGELAMENTO DOS PREÇOS

FIM DA CADUCIDADE, FIM DA PRECARIIDADE

TRABALHADORES ATACADOS NÃO PODEM FICAR ISOLADOS

GUERRA NA UCRÂNIA

Contra a Guerra Uma Primeira Posição de Classe

80 trabalhadores, jovens e activistas de variadas tendências reuniram-se de urgência no dia 6 de Março, na Fábrica de Braço de Prata, em Lisboa, para discutir a guerra na Ucrânia, que começara duas semanas antes.

Até então, as acções públicas eram de “união nacional” para “defender a Ucrânia”, em nome de um chauvinismo belicista pró-NATO e ferozmente anti-russo (muito mais do que anti-Putin). Uma manifestação frente à embaixada russa convocada pelas juventudes do PS e dos partidos da direita juntara alguns milhares.

A reunião do Braço de Prata respondia a um apelo pouco antes divulgado por Mário Tomé, Raquel Varela e Adriano Zilhão a que se desse voz a uma posição de classe que exprimisse o pon-

to de vista dos trabalhadores face à brutal invasão militar russa e face à brutal vaga de propaganda pró-NATO que invadira a comunicação social.



O apelo dizia: *“A invasão da Ucrânia por tropas russas indigna os trabalhadores e a juventude no mundo inteiro. A invasão segue-se a meses e anos de escalada militar instigada pela administração americana e pela NATO e de cerco militar crescente à Rússia – e à China. Mas a agressão militar do regime de Putin não atinge a NATO, nem atinge o regime ucraniano, submisso à UE e aos EUA. Enquanto os grandes capitalistas russos e ucranianos se põem a salvo e aos seus capitais, os bombardeamentos atingem os trabalhadores e o povo da Ucrânia. Quem morre na rua são jovens soldados russos e*

ucranianos, filhos de trabalhadores manuais e intelectuais, não são, nunca foram, os filhos dos responsáveis pelas guerras.”

O sentir comum da reunião levou os presentes a convocarem uma manifestação em Lisboa para dia 13 de Março, frente à Embaixada da Rússia, sob o lema:

“Nem Putin, nem NATO! Retirada das tropas russas da Ucrânia! Nem um soldado português para as forças de intervenção da NATO! Portugal fora da NATO! Dissolução da NATO!”



À saída da reunião constituiu-se a plataformacontraaguerra.pt para opor à destruição e à exploração capitalista a unidade de todos os trabalhadores do mundo contra os que os oprimem. ■

Contra a Guerra Concentração em Lisboa, Vigília no Porto

No dia 13 de Março, mais de cem trabalhadores, estudantes e ativistas concentraram-se frente à embaixada da Rússia em Lisboa com as palavras de or-



Lisboa, 13 de Março

dem contra a guerra:

- Nem Putin, nem NATO!
- Putin fora da Ucrânia!
- Nem um soldado português para a guerra!

Os manifestantes denunciaram o imperialismo e a guerra e defenderam



Lisboa, 13 de Março

os direitos dos povos. Fizeram ouvir a sua voz contra a invasão criminosa de Putin, mas desmontaram, também, o uso da guerra como desculpa para intensificar o ataque às classes trabalhadoras de todos os países. Exemplo disso são a subida especulativa de preços, os ataques à liberdade de expressão e o aproveitamento pelo gov-

erno americano da crise que ele próprio ajudou a criar.



Porto, 31 de Março

No dia 31 de Março, decorreu também uma vigília contra a guerra no Porto, que contou com algumas dezenas de militantes e trabalhadores, protestando contra a guerra, a invasão de Putin e a NATO. ■

Uma Guerra de “Oligarcas” em que só Morrem Trabalhadores

“**O**ligarcas”, na Rússia como na Ucrânia, são os chefes de clãs de tipo mafioso que, depois do desmoronamento da União Soviética, vindos das altas esferas dos partidos estalinistas e da polícia secreta, se apoderaram da antiga propriedade social, enriquecendo brutalmente – à custa do empobrecimento brutal das populações.

O sistema mundial é, porém, dominado pelos velhos oligarcas, o grande capital americano e europeu. Os novos oligarcas de Leste não podem competir com eles e depressa o reconheceram. Por isso, os dos países mais pequenos,

como a Hungria – e agora a Ucrânia – escolheram continuar a saquear os seus países à sombra e em troca de comissões da UE, dos EUA e da NATO.

Se bem que Putin tentasse aderir à NATO em 2000 e à UE ainda antes, à oligarquia russa não foi dada tal possibilidade. A Rússia é demasiado rica em petróleo, gás, etc.

A crise de 2008 marcou o fim da fase de expansão dos lucros assente na super-exploração dos trabalhadores chineses, facilitada pela direcção do Partido Comunista Chinês, que

(continua na p. 6)

Ficha técnica

Publicado pelo grupo “A Internacional”
Responsável: José Júlio Santana Henriques

Página web: <http://ainternacional.pt>
Endereço mail: jose.santanah@gmail.com

Guerra Na Ucrânia

“União Sagrada” com o Capital

Uma Resolução do Parlamento Europeu pela Guerra Total contra a Rússia ... e quase todos os deputados, da extrema-direita à “esquerda” (a portuguesa, quase toda) votaram a favor

Espectáculo vergonhoso no Parlamento Europeu no dia 1 de Março de 2022. Uma resolução sobre a guerra da Ucrânia posta ao voto dos “parlamentares” recolhe a maioria esmagadora dos votos dos deputados, da extrema-direita à esquerda mais “radical”.

Resolução de simples repúdio da invasão da Ucrânia pelos exércitos de Putin? Foi nesses termos que os “eurodeputados” do Bloco de Esquerda se tentaram freneticamente defender – pois votaram a resolução. Votaram contra alguns pontos na especialidade – pontos que acharam menores, já que não os fizeram alterar o sentido de voto global.

Mas não eram pontos menores. Nem eram menores muitos dos que eles votaram tanto por grosso como a retalho. Eram pontos maiores – de apoio à guerra imperialista.

A resolução apela, de facto, à guerra total contra a Rússia. A sanções e reparações. A uma escalada militar da NATO. À destruição económica, industrial, política e militar da Rússia. Apela, até, a que os Estados membros estejam prontos para a eventualidade da guerra nuclear.

E manda os governos europeus fazerem pagar a guerra aos trabalhadores dos seus países.

Apresentamos de seguida alguns extractos fulcrais da resolução do Parlamento Europeu. Dos “eurodeputados” portugueses de partidos eleitos com votos dos trabalhadores, só os deputados do PCP votaram contra. Os do PS e BE votaram a favor. Os do BE votaram contra alguns pontos, mas sem prejuízo de aprovarem a resolução como um todo – incluindo os pontos “desaprovados”.

“16. Solicita que o âmbito das sanções seja alargado e que as estas visem enfraquecer estrategicamente a economia e a base industrial russa (...)”

O ponto 16. é um apelo à destruição económica total da Rússia, da sua indústria e economia – à boa maneira imperialista.

“24. Reafirma que a NATO constitui o baluarte da defesa coletiva para os Estados-Membros que são aliados na NATO; congratula-se com a unidade entre a UE, a NATO e outros parceiros democráticos que partilham dos mesmos princípios face à agressão russa, mas sublinha a necessidade de reforçar o seu dispositivo de dissuasão coletiva, a sua preparação e a sua capacidade de resistência; incentiva o reforço da presença avançada da NATO nos Estados-Membros geograficamente mais próximos do agressor russo e do conflito; destaca as cláusulas de assistência mútua e de solidariedade da UE e preconiza o lançamento de exercícios militares comuns; (...)”

O ponto 24. é um apelo à destruição militar da Rússia. Reafirma que a UE é uma mera sucursal da NATO. E apela ao reforço militar da NATO e dos orçamentos da guerra. Apela, particularmente, a amontoar ainda mais tropas da NATO junto às fronteiras russas e a promover “exercícios mil-

itares” na zona.

“25. Salienta que este ataque exige que a UE e a NATO estejam preparadas para todas as eventualidades; congratula-se, a este respeito, com a ativação dos planos de defesa da NATO, bem como com a ativação das forças de resposta da NATO e a sua mobilização parcial, conjuntamente com os destacamentos de tropas dos aliados da NATO, incluindo o Reino Unido, os EUA e o Canadá, a fim de reforçar o flanco oriental e dissuadir qualquer nova agressão russa; reitera o seu apelo aos Estados-Membros da UE para que incrementem as despesas com a defesa (...)”

O ponto 25. é um apelo à guerra total, inclusive nuclear (preparação “para todas as eventualidades”). Apela à mobilização total das forças da NATO no “flanco oriental” e exige que os Estados da UE aumentem as despesas militares.



26, 27 e 28. O ponto 26. intima a Suécia e a Finlândia, Estados-membros da UE que não estão na NATO, a aderirem à Aliança Atlântica.

O ponto 27 manda os Estados membros da UE armarem a Ucrânia até aos dentes com a máxima rapidez possível..

“35. (...) salienta que a Federação da Rússia é responsável pela destruição de infraestruturas ucranianas, incluindo edifícios civis e residenciais, bem como por perdas económicas significativas, e será obrigada a reparar os danos causados pelos seus atos de agressão”

As “reparações de guerra” são das formas mais agressivas e repugnantes da guerra imperialista, desde sempre rejeitadas pelos partidos do movimento operário. As reparações permitem ao imperialismo vencedor saquear o país vencido, criando geralmente o terreno para novas guerras (por exemplo as reparações impostas pelos vencedores da Primeira Grande Guerra à Alemanha arruinaram a economia desta, fomentando a ascensão do nazismo).

50. No ponto 50, o Parlamento Europeu recorda o seu carácter de impotente simulacro de democracia da máquina burocrática de Bruxelas, ao instar... *“as instituições da UE a avaliarem o impacto ambiental da guerra na região”.*



Bombardeamento de Mariupol'

ELEIÇÕES LEGISLATIVAS

Declaração do grupo ‘O Trabalho’ sobre o resultado das legislativas “Organizar a Resistência Unida!”

Um grupo de militantes e activistas do movimento sindical e operário de Lisboa, Porto e outros pontos do país, alguns deles membros do Bloco de Esquerda, reuniram-se na Fábrica de Braço de Prata em Lisboa, no dia 18 de Dezembro passado, para discutir a actualidade do Manifesto Comunista e do seu enunciado central: a necessidade de a classe trabalhadora dispor de partidos totalmente independentes da burguesia e do seu Estado.

“Ontem como hoje, o legado marxista e socialista permite-nos saber que os explorados têm de se organizar separadamente dos exploradores e criar as suas próprias organizações, para lutar por uma alternativa à degradação social, ao aumento das desigualdades, à destruição ambiental e à injustiça generalizada. Porém, trabalhadores cansados, precários, a

viverem no limiar da sobrevivência, a contar os tostões, sem tempo e desmotivados pelos modestos avanços e capitulações das organizações que tradicionalmente os representam, perguntam-se sobre a eficácia e formas de luta nos partidos e estruturas sindicais. Questionam-se se estas estruturas e formas de luta conseguem responder à realidade dos seus interesses hoje.” O grupo debateu como contrariar esta situação e contribuir para o rearmamento da classe trabalhadora com os seus próprios órgãos independentes. Uma das suas decisões foi a de tomar a seu cargo a elaboração e difusão deste boletim “O Trabalho”.

No passado dia 7 de Fevereiro, o grupo adoptou a seguinte declaração sobre os resultados das eleições legislativas de 31 de Janeiro de 2022.

Contrariando sondagens e expectativas do mundo político e da imprensa, a população trabalhadora foi às urnas, no dia 30 de Janeiro, **para barrar o caminho ao regresso ao governo dos partidos da reacção negra, da troika, da miséria e da fome**. A abstenção, embora mantendo-se elevadíssima, baixou um pouco.

Lembremos: após seis anos de ‘geringonça’, um quarto da população, e um terço dos trabalhadores, são pobres, apesar de labutarem de sol a sol, às vezes em vários empregos. O nível das reformas de uma população envelhecida é miserável. A juventude é expulsa das grandes cidades, não pode pagar casa, antevê um futuro pior do que o dos pais e não tem meios para ter filhos. Muitos, que a escola pública qualificou, têm de emigrar. Fecham-se indústrias e despedem-se trabalhadores em nome do “clima” e do “digital”. A pandemia foi pretexto para mandar o exército contra grevistas, declarar estados de emergência e outras medidas autoritárias e dar milhões a ganhar ao grande capital. Entretanto, deixa-se o SNS a degradar-se a olhos vistos, enquanto o negócio da saúde privada se incrusta e o parasita.

Ainda assim, **milhões de trabalhadores foram às urnas para derrotar a reacção**. Concentraram o voto no PS, que obteve uma das suas maiores votações das últimas décadas (2.250.000 votos) e uma maioria absoluta dos assentos na Assembleia da República.

A concentração de votos no PS **não foi um voto de I. confiança na política da direcção do PS** – que o reconheceu. António Costa já abandonara a esperança na maioria absoluta. Ninguém ficou mais surpreendido do que ele com a dimensão da “sua” vitória.

Uma semana antes da votação, as sondagens davam **2.** a vitória à direita, que se entusiasmou, proclamando: destruiremos o SNS, o salário mínimo, o ensino público, aumentaremos os lucros, baixaremos os salários, devastaremos o que sobra das conquistas de Abril. Grande parte do povo trabalhador sabe que só as conquistas de Abril o separam ainda da miséria absoluta.

Agrava-se a crise política da burguesia

3. Para esses milhões de trabalhadores, desiludidos com os seus partidos, muitos deles nem ir votar tencionavam, foi um sobressalto; e, num **reflexo de resistência de classe**, a que era possível no limitado terreno eleitoral, foram votar contra a reacção negra.

O resultado eleitoral agravou a pro-
4. funda **crise política da burguesia portuguesa**. Os partidos directamente financiados pelo grande capital, PSD, CDS, IL e Chega, embora aumentando um pouco o seu número total de votos, ficaram a meio milhão de votos dos partidos que colhem o voto dos trabalhadores portugueses. Mesmo o partido folclórico-fascista *Chega* perdeu mais de cem mil votos para o resultado que o seu caudilho conseguira nas presidenciais. Quase cinquenta anos após a revolução de 1974, o capital continua incapaz de governar sem ter de pedir ajuda às direcções dos partidos que representam o voto do trabalho.

A concentração de votos no PS fez-se, em parte, à **5.** custa do PCP e, sobretudo, do Bloco de Esquerda. Este perdeu metade dos votos e três quartos da bancada parlamentar. Ora, as direcções do BE e do PCP concentram quase todos os seus esforços, declaradamente, nas eleições e no parlamento. Os resultados das **eleições foram, pois, profundas derrotas políticas para ambas.**

As razões são **6.** fáceis de encontrar. Um exemplo: no 1.º tempo de antena do BE, a sua coordenadora denunciava (bem) a recusa do governo em reverter a legislação laboral Passos/troika, que Costa todavia rejeitara no passado. A coordenadora fazia a pergunta pertinente: *“Mas porque mudou [A. Costa] de opinião e é hoje o guardião dessas regras injustas que a troika cá deixou?”* Todos conhecemos a resposta: mudou, porque, uma vez no governo, responde em primeiro lugar perante a União Europeia. Os **acordos da “geringonça”, donde saiu o governo que chefiava, tinham como ponto cardinal o respeito pelos tratados europeus**. Ora, as leis laborais da troika nasceram directamente dos critérios, tratados, regras e instituições da União Europeia. E esta reflecte os interesses dos “mercados” e do capital financeiro internacional e nacional. Por isso “mudou” Costa..

Derrota política profunda das direcções do BE e do PCP

“Erguer a resistência unida e solidária para vencer as batalhas que se avizinham”

7. Mas a coordenadora não respondeu com essa verdade óbvia. Respondeu com confusas queixas da “intransigência” de Costa, que queria provocar uma crise política para ter mais votos, “maioria absoluta”... Porque será que a cúpula do BE não deu a resposta óbvia e de todos conhecida? Porque, se desse, ficaria a nu a sua política de colaboração de classes, que a fez votar cinco orçamentos e meio de austeridade e de congelamento de salários às ordens de Bruxelas e viabilizar políticas de milhares de milhões para banca e patrões (votadas pelo PS com PSD e CDS) e migalhas para quem trabalha (votadas pelo PS com BE e PCP). **Alguém falou, na campanha eleitoral, da UE e da ‘bazuca’? Ninguém.** Ou dos preparativos de guerra dos EUA e UE na Ucrânia, potencialmente a pior crise na Europa desde a 2ª guerra? Ninguém. BE e PCP sacrificaram a verdade ao empenho total num novo acordo com o PS – enquanto Costa dizia abertamente que governaria, de novo, sob a égide de Marcelo e de Bruxelas.

8. Leia-se o que um jornalista do *Público* escreveu do que há a esperar do novo governo: “*Para já, o que se sabe é que no Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) ficou estabelecida com Bruxelas a passagem à prática de uma série de medidas, que têm de ser cumpridas para que os fundos continuem a chegar a Portugal. O PRR será, tal como está definido, um autêntico guia para aquilo que o Governo irá fazer tanto ao nível do investimento como das reformas.*” (2/2/22). É e era óbvio, mas o que as direcções do Bloco e do PCP fizeram foi apelar aos eleitores para... que “impedissem a maioria absoluta da PS” e lhes dessem o 3º lugar da classificação geral... para fazerem um acordo com a direcção do PS!

9. Esta cegueira voluntária parece manter-se. Um comentador do *Expresso*, pessoa muito influente junto da direcção do BE, escrevia (4/2/22): “*A vitória do PS é o que é, esmagadora. Vai governar quatro anos sem obstáculo.*” Mas **os governos PS/Marcelo/UE já governaram durante seis anos “sem obstáculo”**: coligados ora à esquerda, com BE e PCP, para as coisas miúdas e para aprovar os orçamentos de austeridade, ora à direita, com PSD, CDS, IL e Chega, para dar graúdos milhares de milhões à banca e ao negócio privado.

Mesmo assim, esses governos enfrentaram obstáculos sérios de outra natureza: a **resistência de professores, enfermeiros, motoristas, estivadores, maquinistas, às políticas de destruição das suas condições de vida e de trabalho** – resistência coarctada, embora, pela colaboração dos aparelhos partidários com o governo.

10. **A direcção do PS tenciona continuar a governar segundo as indicações e instruções da União Europeia.** Tenciona manter a legislação laboral da troika. Quer “dar” aos funcionários públicos – que perderam 20% de poder de compra nos últimos doze anos –

0,9%, enquanto a inflação dispara. Prepara-se para, via PRR/bazuca, dar milhares de milhões em subvenções e adjudicações às empresas do PSI-20, as mesmas que prometem despedir mais de um milhão de trabalhadores nos próximos anos, conforme anunciaram no seu *Business Roundtable Portugal*.

Mas os obstáculos que governos enfeudados ao capital financeiro e à União Europeia mais temem não são parlamentares. Enfermeiros, motoristas, estivadores, maquinistas, revisores, marinheiros, professores, carteiros, operários da GALP, da TAP, da Groundforce, da Altice, da Efacec, da Auto-Europa, da Stellantis, bancários, precários da saúde e de todos os sectores, **todos aqueles contra quem se preparam despedimentos e precarização em larga escala, esses irão ser, de certeza, um “obstáculo” aos ataques** que contra eles estão a ser perpetrados ou preparados às ordens da UE e do capital.

11. Os militantes sindicais do PS, o Bloco de Esquerda e o PCP também se deviam empenhar em ajudar a montar, ao lado desses milhares de trabalhadores, um obstáculo, forte e combativo, às medidas que se preparam: **erguer a resistência unida e solidária para vencer as batalhas que se avizinham.** Nas empresas, hospitais, escolas, na função pública. Nos sindicatos, nas comissões de trabalhadores. E, também, decerto, usando as possibilidades dadas pela tribuna parlamentar.

12. Porque nenhuma tarefa será mais importante, nos próximos meses e anos, do que a organização da resistência unida à devastação que o capital, a União Europeia, o Presidente da República e o governo ao seu serviço preparam a coberto dos planos de “transição verde” e de “transição digital” da UE.

Apoiemo-nos, pois, na mobilização eleitoral de massas que travou a reacção negra para criar a unidade de todos os trabalhadores, com os seus sindicatos e comissões de trabalhadores, para conseguir

- o aumento geral dos salários e a escala móvel dos salários contra a inflação;
- a reversão integral das leis laborais da troika: caducidade, tratamento mais favorável, etc.;
- um plano de investimentos massivos no SNS, no ensino público e na habitação;
- a reversão das privatizações de empresas estratégicas e expropriação sem indemnização de todos os bancos que receberam milhares de milhões do erário público,
- a ruptura com a escravatura da dívida, dos critérios de Maastricht e do Banco Central Europeu,
- a unidade de todos os trabalhadores europeus para contrapor a esta União Europeia do capital uma Europa dos trabalhadores.

Na certeza de que só um governo dos trabalhadores, controlado pelas suas organizações de classe, rompendo com a dependência da União Europeia, poderá satisfazer as reivindicações da classe trabalhadora. E de que esse caminho requer partidos dos trabalhadores ciosos da sua independência absoluta do Estado e do patronato e que prestem contas exclusivamente à sua própria classe.

NOVO GOVERNO

Costa responde a Rio: a inflação será suportada pelos salários

No debate parlamentar do programa do governo, o líder a prazo do principal partido da direita, Rui Rio (cujo destino sem-



pre foi o do espertinho que se vê ao espelho como espertalhão), interpelou o primeiro-ministro sobre a política do novo governo a respeito da inflação. Inflação de que o programa do governo, estranhamente, não fala.

Então – disse Rio – com os preços a subir, ia o governo aumentar os salários, incluindo o mínimo, de modo a acompanhar a inflação e juntar “ganhos de produtividade”? Então ia dar aumentos para aí de 10% na função pública, se os números o mandassem?! A sério que o governo ia, mesmo, dar isso?

Como quem diz: Bruxelas não vai achar graça nenhuma, ó xô primeiro-ministro!

Costa, aspirante a espertalhão-mor da corte de Marcelo e a nuncio de Bruxelas numa manhã de nevoeiro, não quis morder o isco do sucessor de Passos Coelho.

E teve de dar uma resposta clara. Se calhar, mais clara do que gostaria.

Que não senhor, replicou Costa (encostando-se aos “peritos” económicos – que entretanto dizem o contrário): é que a inflação é só “conjuntural”! Passa já, não dói nada. E por isso... **não há cá aumentos de salários nenhuns a compensá-la!**

Por outras palavras: a inflação que houver, comem-na os trabalhadores.

Os patrões têm direito a uns subsídios. Inventa-se o “gás profissional”. Reduzem-se uns impostos indirectos,

até para fazer de conta que os preços não sobem tanto. A seguir, com o “défice” a ameaçar subir, pois se diminuem os impostos... – e, ainda por cima, com o orçamento militar a comer mais mil milhões, assim mandam União Europeia e NATO, “por causa” da Ucrânia –, lá se vai acabar por ter de cortar noutras despesas. Quais? As do costume: SNS, ensino, transportes públicos, investimento não bazuquiano...

Enumeremos. Do programa do



novo governo desapareceu qualquer referência à revisão do Código de Trabalho; a TAP é comandada de Bruxelas; Bruxelas irá libertando fundos do PRR/Bazuca para ajudar o grande patronato do PSI-20 associado na *Business Roundtable Portugal* a despedir mais de um milhão de trabalhadores para fazer as transições “verde” e “digital”.

Ora, o PS foi eleito por um sobresalto dos trabalhadores a esconjurar o regresso da troika, que deu a maioria absoluta ao PS na Assembleia. Isso não impede o novo governo de adoptar sem hesitações um programa de guerra social “interna”. Que vai a par do apoio, fora, à escalada de guerra imperialista, aos planos da NATO, dos EUA e da UE, de que a guerra na Ucrânia é a primeira consequência.

Desde o início, pois, os trabalhadores não têm nenhuma razão para confiarem no novo governo.

Terão de confiar, isso sim, exclusivamente, nas suas próprias forças: reforçar a sua organização de classe, completamente independente do Es-

Inflação = Super-Lucros

Os preços derrapam, e os preços dos bens de que os trabalhadores dependem para viver, derrapam ainda mais.

Se anda por 20% a perda média de poder de compra dos salários desde a crise de 2008, com a inflação essa perda vai explodir – em muito menos tempo.

A imprensa lamenta o aumento dos custos de produção, da logística, do transporte, “por causa da guerra”... Será?

Todos os preços se reduzem a custos e lucro. E os custos reduzem-se a custos salariais e de materiais.

Mas os custos de materiais (e transporte, armazenamento, etc.) também se reduzem sempre a custos salariais. Ao salário do mineiro, do camponês, do operário construtor de máquinas ou petroleiro, do motorista, do marinheiro, do vendedor, do professor, do médico....

Ora, alguém viu, em Portugal ou fora, os salários destas categorias aumentar? E para o dobro, como acontece a certos preços?

Não. Ninguém viu: não aumentaram.

Ora, quando os preços aumentam e os custos salariais não, **todo o aumento de preço é aumento do lucro**: do lucro do grupo mineiro, do grupo agro-industrial, do grande transitário, do fabricante. E, claro, do intermediário, do açambarcador. E, nos nossos dias, sobretudo, do juro do banqueiro e do especulador que, quando lhes cheira a aumentos, vão a correr comprar “títulos”, “futuros”, “opções” e toda a moderna geringonça financeira que permite desviar milhões do bolso do trabalhador para a conta do multimilionário no seu paraíso fiscal. ■

tado e do capital; reforçar e unir sindicatos e comissões de trabalhadores; construir os seus órgãos de comunicação, expressão e debate; e preparar-se para as duras lutas que se anunciam. ■

Uma Guerra de “Oligarcas” em que Só Morrem Trabalhadores

(continuado da p. 2)

ofereceu o país como “fábrica do mundo”.

Desde então, o grande capital financeiro internacional, mormente o americano, necessitou absolutamente de abrir, sem compromisso, todos os mercados e fontes potenciais de novos lucros e eliminar todas as restrições de acesso a mercados ainda em parte inacessíveis: os mercados financeiros e de capitais da China, o acesso directo aos consumidores chineses, eliminando o controle do comércio externo, o acesso ao petróleo e gás russo, etc. Aí entronca o cer-

co militar crescente dos EUA e da NATO à China, iniciado por Obama com a “viragem para a Ásia”, e à Rússia, com a expansão da NATO no Leste da Europa – de que a Ucrânia seria o último dominó.

A mafia russa justificou a invasão de território ucraniano com o mais reaccionário discurso imperial grão-russo, vindo das teias de aranha dos czars. Despertou, assim, o nacionalismo ucraniano.

Mas os trabalhadores ucranianos e russos que caem morrem por interesses que não são os seus. ■

LUTA DE CLASSES

12 de Março e 2 de Abril **Greve e Manifestações de Estafetas no Porto**

No dia 12 de Março, decorreu no Porto uma greve e manifestação dos estafetas. Estes trabalhadores entregam comida ao domicílio. Trabalham para plataformas internet, as *apps* – Uber, Glovo, etc.

Os estafetas são considerados empresários em nome individual. Não têm contrato de trabalho nem vínculo laboral. Se adoecerem ou tiverem um acidente de trânsito, não têm qualquer apoio, apesar de trabalharem nas ruas a fazer entregas. Estão entregues a si mesmos.

A “paralisação geral dos estafetas do Porto” reivindi-

cou melhores condições de trabalho, nomeadamente o aumento do valor pago por quilómetro, face ao aumento sem parar do preço do combustível.

O Podcast#35 *comboio suburbano* (programa que utiliza o *YouTube* e o *Facebook* para divulgar as suas iniciativas: <https://youtu.be/3yprRvJVw3k>) fez uma entrevista a um trabalhador que participou nesta greve e manifestação. Citamos, com a devida vénia, algumas perguntas e respostas do *comboio suburbano* ao trabalhador Omar Sebba.

Omar, quais são as principais dificuldades que encontras neste trabalho?

R: – São andar na rua, sujeitos às intempéries e a acidentes por causa do trânsito. O aplicativo (*app*) é algo sem alma. Não sabemos quem são nem onde se encontram. É impessoal! A questão central é: em cada dia que passa as plataformas querem diminuir



os custos. Como os restaurantes não diminuem o valor das comidas, e o cliente quer pagar sempre menos, as plataformas só controlam os estafetas. Se o entregador não está satisfeito com as suas condições de trabalho, as *apps* só dão duas opções: ou fica nas condições de trabalho propostas, ou vai embora. Se não andarem “na linha”, na rotina do trabalho, se não cumprirmos as condições dentro do modelo fixado pela *app*, vão embora. Mas estamos, agora, num novo momento. São as empresas que nos estão a ouvir, porque nós fizemos aquela acção no sábado passado. E vamos conversar

amanhã sobre a melhoria das condições de trabalho, a atualização das remunerações. Está tudo muito desfasado, há anos que não há reajustamentos, os preços sobem, inflação, combustíveis.

Omar, como tem sido feita a mobilização, qual a adesão dos trabalhadores, como a das empresas?

R: – A nossa intenção é que eles nos escutem. Agora temos uma reunião já marcada para amanhã, coisa que nunca aconteceu antes, reuniões deste tipo. A *Glovo* nem sequer tinha escritório aqui no Porto. As reuniões eram feitas por telefone ou por internet, e nós não podíamos interagir muito bem... mas agora vamos ver se eles nos vão ouvir. A nossa expectativa é sermos ouvidos. E se não formos ouvidos, possivelmente haverá uma nova paralisação. A resposta das empresas não tem sido nenhuma, a maioria das vezes. Nós perguntamos coisas, eles ou não respondem ou demoram muito tempo, e as coisas perdem-se.

Quais são as respostas finais?

R: A conclusão final? É um apanhado disto tudo. As coisas começaram a degradar-se com o Covid 19, a sociedade, em geral, manifestou medo, deteriorando a atividade. Mas eu não tenho esperança que isto mude muito rápido. Foi o Covid 19, agora é a guerra. Nós não sabemos para onde isto

vai, está muito difícil. Por detrás dos estafetas estão famílias, vidas. **Nós, para as empresas, somos apenas números.** Eles estão a mexer na plataforma de forma desumana. Eles não conseguem diferenciar pedidos... para quem anda de bicicleta chega a fazer 15 km, mas quem anda de carro pode fazer apenas 900 metros. Eles poderiam oferecer pedidos mais curtos para quem anda de bicicleta. No



caso da *Glovo*, se você deixar cair três pedidos consecutivos (e isso pode acontecer por vários motivos – engarrafamentos, etc.) o trabalhador é obrigado a deixar o trabalho. Falta humanização no formato dos aplicativos, tudo é feito de forma automática... Mas, se a parte compensatória face aos problemas e dificuldades piora, então há que ver. ■



Nova manifestação no dia 3 de Abril nos Aliados

No dia 3 de Abril, os estafetas voltaram a concentrar-se no Porto, com microfone aberto. Os presentes denunciaram como a *Glovo*, *Uber* e similares nem sequer aceitam conversar; usam sistemas que quebram os ganhos médios dos estafetas em 15% a 20%, às vezes o dobro, e degradam constantemente as condições de trabalho. As empresas não facultam possibilidade de contacto, impedindo os trabalhadores de reivindicarem os seus direitos. Como disse um estafeta, a *Uber* faz o que quer, quando quer. Os trabalhadores denunciaram a convivência total do governo com as plataformas e reivindicaram um “reajuste digno e justo” das remunerações. Estes trabalhadores têm, assim, o privilégio de serem os primeiros a conhecer a “transição digital” anunciada a todos.

GUERRA

Encontro Internacional contra a Guerra (3 de Abril, vídeo)

Por iniciativa do Comité Operário Internacional contra a Guerra e a Exploração, pela Internacional Operária (COI) e dos seus dois coordenadores, Nambiath Vasudevan (Mumbai, Índia) e Daniel Gluckstein, do POID de França, realizou-se, no passado dia 3 de Abril, um encontro de urgência contra a guerra na Ucrânia. O COI organiza uma conferência mundial contra a guerra e a explo-



ração em 29/30 de Outubro de 2022, em Paris, precedida de uma conferência internacional de mulheres trabalhadoras.

Participaram no encontro mais de 200 militantes de 47 países do mundo, entre os quais doze de Portugal. Falaram 36 oradores, 2 de Portugal.

O Encontro adoptou um apelo (abaixo) à união dos trabalhadores de todo o mundo contra os governos fautores de guerra em cada país.

O encontro veio na tradição do movimento operário internacionalista

fundada na conferência de Zimmerwald, na Suíça, em 1915, em plena primeira guerra imperialista, contra a capitulação de muitos dirigentes “de esquerda” à “união nacional” com a burguesia.

O apelo foi desde logo subscrito por 256 militantes e organizações dos 47 países representados (ver lista em ainternacional.pt).



Apelo do Encontro Internacional de Urgência

Trabalhadores de todo o mundo, organizações de trabalhadores, povos oprimidos, unamo-nos contra a guerra e a exploração!

Nós, trabalhadores, jovens, militantes do movimento operário e democrático vindos de... países e de todos os continentes, fazemos nossa a frase proferida por Jean Jaurès, figura histórica do socialismo internacional, na véspera da deflagração da guerra de 1914: “*O capitalismo abriga em si a guerra como a nuvem a trovoadas.*”

A actualidade desta fórmula não podia ser maior. Guerras assolam todos os continentes. Dezenas de milhões de pessoas são expulsas da sua terra. Países inteiros são reduzidos a ruínas. A fome alastra pelo mundo. Nós declaramos sem hesitar: as guerras em curso, a destruição e a barbárie que elas abatem sobre trabalhadores e povos são fruto do sistema capitalista assente na propriedade privada dos meios de produção, da sua decomposição. Para conseguir extrair lucro, sempre mais lucro, este sistema não recua ante nenhuma agressão.

A guerra lançada por ordem do presidente Putin na Ucrânia em 24 de Fevereiro de 2022 não escapa à regra. Nada pode justificar tal intervenção. Por isso nos pronunciamos pela cessação da intervenção na Ucrânia, pelo cessar-fogo imediato e pela retirada das tropas russas da Ucrânia.

No entanto, não podemos ignorar que as grandes potências capitalistas – e, à cabeça, a administração norte-americana de Biden, a União Europeia e os países capitalistas que a compõem, mormente a Alemanha e a França e, ainda, a Grã-Bretanha – tudo ontem fizeram para provocar o conflito e tudo hoje fazem para atirá-lo. A NATO abarrotou a fronteira russa de dezenas de milhares de tropas, reforçando efectivos semana após semana. A NATO e os países que a constituem fornecem à Ucrânia sobre-armamento permanente, bem como um autêntico escudo aéreo na sua fronteira. A NATO, os Estados Unidos e a União Europeia são, na prática, cobeligerantes. Temos, pois, que combinar a palavra de ordem de “retirada das tropas russas” com a exigência de “retirada das tropas americanas e da NATO da Europa” e de “retirada de todas as tropas de ocupação estrangeiras de todos os países do mundo”, de “cessação de todas as intervenções imperialistas e neocolonialistas”, de “anulação das sanções” e de “dissolução da NATO”.

As guerras em curso reflectem o apetite sempre crescente das grandes potências capitalistas, que – com Biden à cabeça – não disfarçam a sua vontade de pilhar as riquezas do mundo inteiro que ainda lhes escapam e de dominar ainda mais estreitamente a economia mundial. As guerras são pretexto para aumentar vertiginosamente os orçamentos militares à custa das carências dos povos. As guerras externas conjugam-se com a guerra “interna” que os governos capitalistas travam contra os trabalhadores nos seus próprios países.

Esta guerra é o elo mais recente das guerras que há décadas devastam todos os continentes, sempre fomentadas pelas potências capitalistas e imperialistas, sempre pagas pelo sangue e pela miséria dos povos. O mapa das guerras quase sempre coincide com o mapa das riquezas mineiras dos países seu objecto. Pronunciamos pela retirada das tropas de ocupação dos países em que estão presentes.

Os trabalhadores não têm nenhum interesse em comum com as multinacionais nem com as classes capitalistas dos diferentes países. Não têm nenhum interesse em comum com os seus próprios governos.

Apelamos a todos os trabalhadores e à juventude, aos militantes de todas as origens do movimento operário e às organizações operárias: rejeitemos todas as formas de união nacional com os governos fautores de guerra, com as multinacionais e os capitalistas que provocam as guerras. A única união que interessa à causa da paz e da justiça social é a união dos trabalhadores e dos povos do mundo inteiro.

Abaixo a guerra, abaixo a exploração!

Trabalhadores de todo o mundo, organizações operárias, povos oprimidos, unamo-nos contra a guerra e a exploração, para impor a paz que interessa à humanidade! ■

Este apelo foi lançado por iniciativa do Comité Operário Internacional (COI), que está a organizar uma conferência mundial contra a guerra e a exploração, pela Internacional operária, e uma conferência internacional das mulheres trabalhadoras em 29 e 30 de Outubro de 2022, em Paris.

Lista dos primeiros subscritores em ainternacional.pt